

RESENHAS

TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: mulheres do campo e da periferia de São Paulo

SYLVIA LESER DE MELLO
São Paulo, Ática, 1988

Uma das qualidades do livro de Sylvia Leser de Mello é a de mostrar que uma tese acadêmica pode se transformar em um livro de agradável leitura e que um estudo científico pode ser apresentado ao leitor numa linguagem tão envolvente quanto a da boa literatura. De fato, a "boniteza" da escrita de Sylvia emociona o leitor e o leva a uma aliança imediata com os personagens da trama relatada, com os quais, aliás, é evidente o compromisso político da autora.

Originalmente sua tese de livre-docência em Psicologia Social, apresentada em 1985 ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o livro é construído em torno dos depoimentos de dez mulheres pobres, residentes na periferia de São Paulo, às quais a autora teve acesso através de contato pessoal anterior com uma delas que havia trabalhado em sua residência. Nesse sentido, o subtítulo do livro revela certa inadequação, pois as entrevistadas não são mulheres do campo e da periferia, mas sim mulheres da periferia que vieram do campo.

Organizados originalmente em torno do eixo central da categoria "trabalho", os depoimentos extrapolaram em muito os limites propostos inicialmente pela pesquisadora, transbordando para outras questões prementes da vida cotidiana, como a moradia, a alimentação, a saúde, a escola e o futuro dos filhos. São temas sobejamente conhecidos na literatura sociológica, mas aos quais a autora imprime um tratamento exemplar, tanto por sua competência para lidar com o referencial teórico no qual se apóia, quanto por sua habilidade no manejo da escrita.

A organização dos relatos foi sendo impressa pelas próprias entrevistadas, que levam sua entrevistadora a uma viagem no tempo e no espaço, até uma vila de Minas Gerais de onde todas emigraram. A migração, vivida por todas, demarca um corte temporal de grande impacto em suas vidas. Estabelece um momento de mudanças tão significativas que todos os temas relatados inevitavelmente desdobram-se em um "antes" e um "agora". O tempo

de antes é de extrema pobreza, mas de relativa auto-suficiência econômica. Da terra o grupo familiar extrai o que comer e o que vestir. O clima é quente, os pés caminham descalços e as precárias habitações de pau-a-pique provêm o abrigo necessário. Apesar disso, a migração para algo melhor acontece, e é percebida como decisão individual ou familiar, e não como processo social mais amplo. Depois de breve passagem por outra cidadezinha não muito diferente da primeira quando, não mais donos de seu pedaço de terra, são forçados a vender sua força de trabalho, o grande salto, São Paulo. O primeiro impacto é dado pela necessidade de resolver a questão da moradia: O clima é frio e as soluções da roça não são viáveis na cidade. A casa semipronta ou o barraco improvisado na favela, para a qual foram atraídos por parentes ou conterrâneos que chegaram primeiro, são soluções encontradas para não morar de aluguel. O bairro é feio e sujo, mas de grande vitalidade, refletida na presença das crianças nas ruas. A amizade, a solidariedade e a troca de favores imperam e se expressam em práticas como o mutirão.

Sempre comparando o tempo de antes, na roça, com o de agora, na cidade, as mulheres falam de suas preocupações com a doença e com a manutenção do corpo sadio e apto para o trabalho. Há uma relativa naturalidade no trato com a morte. Práticas da medicina popular, como bençãos e rezas, mesclam-se aos cuidados médicos oficiais, apontados como vantagens do meio urbano. No que diz respeito à alimentação, seu discurso versa antes sobre o modo de obter o alimento do que sobre a variedade da dieta. Manifestam um certo pudor de falar de sua precária cozinha. Enquanto na roça predominava a fartura, na cidade, onde tudo é comprado, impera a restrição, pela falta de dinheiro. A fome é agudizada pela "fome psíquica" ou desejo constante de adquirir alimentos expostos pelo comércio e pela propaganda.

A afetividade concentra-se no local de moradia. As pessoas vivem na vila, embora passem a maior parte do tempo fora dela. A família é o núcleo que concentra as formas de sociabilidade e pode ser tanto a nuclear, quanto a família composta por várias nucleares, ou ainda a família que abriga parentes ou compadres. No bairro são frequentes os aglomerados familiares, como os "puxados" no terreno comum, as residências de familiares próximas umas às outras, agilizando a troca de informações e de servi-

ços. O casamento é precoce e a maternidade o destino inexorável das mulheres. A mobilidade dos homens contrapõe-se a submissão feminina, que leva as mulheres a ficar em casa com os filhos, enquanto os homens "passam" pelo domicílio. Muitas chefiam o grupo familiar. O espaço da mulher é a casa, o do homem é o bar, a rua, o futebol. O trabalho não é uma opção, está presente em todos os momentos da vida. O trabalho de casa é feito pelas mulheres, com a eventual ajuda do companheiro. Todas trabalhavam ou já trabalharam como empregadas domésticas nas casas de outras mulheres. Raras foram aquelas que mudaram para firma ou indústria. Estas revelam que o trabalho é mais leve, mas o horário é mais rígido e as exigências são maiores. O salário é, para elas, a única relação significativa com o trabalho. As que trabalham fora, embora o façam por necessidade econômica, raramente conseguem voltar para o âmbito da casa, pois adquiriram certa autonomia, da qual não querem abrir mão.

A educação dos filhos é um tema recorrente na fala das entrevistadas. Através de suas reflexões sobre a educação familiar de antes e de agora, percebe-se que sua curta e quase inexistente infância foi marcada pelo trabalho precoce, pela relação íntima com a terra e pela ausência da escola. Com a transposição para o modo de vida urbano, dilata-se a infância e o tempo de ingresso no mercado de trabalho. A separação entre casa e trabalho dificulta à criança ajudar os pais. Valoriza-se a escolaridade e a criança passa ser percebida como categoria social. O projeto das famílias para seus filhos inclui a escolaridade, o que os leva a poupá-los do trabalho a fim de garantir seus estudos. A ênfase na ascensão social por vezes desenvolve nos filhos o repúdio à identidade pessoal e ao grupo do qual fazem parte. O apelo ao consumo, que as novas gerações tanto valorizam, é reforçado pelo rádio e pela televisão. Na cidade, a consciência das desigualdades sociais é mais intensa do que no campo.

Nos depoimentos das mulheres, segundo a autora, há duas faces: a primeira delas, a da vitória, revela sua adaptação ao meio urbano, que lhes permite encontrar os mecanismos para sobreviver. Apesar de pobres, acham-se melhor do que antes e não querem voltar. A outra face é a do conflito, que se expressa na relação com os filhos. Estes, nascidos na cidade, sentem mais agudamente a pobreza como decorrente de diferenças de classe. A edu-

cação, ponto de encontro de novos e velhos valores, é o campo privilegiado dos conflitos.

Arrematando seu belo texto, a autora mostra como os depoimentos recolhidos espelham a submissão das mulheres a um destino que parece inevitável. Os corpos dóceis às injunções do trabalho, à "sina" da maternidade, ao desconforto das pobres moradias, às longas filas para conseguir uma consulta médica ou um saco de leite em pó doado pelo assistencialismo do Estado ou da Igreja, trazem a marca da submissão. A ideologia do trabalho redentor, "porta de passagem da pobreza para a riqueza", é a grande mentira que as leva a "tocar a vida" com resignação, na esperança de que um dia seja possível alcançar a abundância. Felizmente, como a autora se encarrega de nos alertar, o caráter da submissão não é absoluto. As mulheres não são cegas ou surdas aos conflitos de suas vidas, apenas buscam no trabalho a estratégia para enfrentá-los, a fim de não sucumbir na total desesperança.

O livro é uma excelente contribuição aos estudos sobre o modo de vida das camadas populares. Se os dados, em si mesmo, não são inteiramente novos, o livro tem a virtude de apresentá-los de forma integrada, veementemente e comprometida.

Para concluir, um breve comentário em relação à apresentação dos dados. Os depoimentos, às vezes colhidos em conversas em grupo, quase sempre são longos, transcritos praticamente na íntegra e mantendo a linguagem própria das entrevistadas. Esta conduta da autora que, como afirma Paulo Freire no prefácio, revelaria sua lealdade para com o discurso do outro, traz à tona uma questão controversa e ainda em aberto nas ciências humanas. Deve-se ou não corrigir falas recolhidas em entrevistas, uma vez que o gravador capta a linguagem verbal, que é sempre coloquial e distinta da escrita, qualquer que seja o segmento social ao qual pertence o entrevistado? Acredito que o respeito que a autora demonstra pelo discurso das entrevistadas expressa-se muito mais no cuidado com que o interpreta do que no esforço em transcrevê-lo tão literalmente.

Cristina Bruschini